

“O Porto de Leixões está em perda de competitividade”

Marisa Silva
locais@jn.pt

Jaime Vieira dos Santos lidera há nove anos a Comunidade Portuária de Leixões. Defende que a obra de prolongamento do quebra-mar, contestada pelos possíveis impactos negativos na praia de Matosinhos, é fundamental para manter a competitividade do porto e melhorar as acessibilidades marítimas. O também membro da comissão de acompanhamento da obra garante que não haverá poluição e que o surf não vai acabar. O investimento, anunciado em fevereiro pela ministra do Mar, Ana Paula Vitorino, ronda os 147 milhões de euros. Vieira dos Santos acredita que os trabalhos deverão estar no terreno na primavera de 2020.

Quais os impactos económicos do não prolongamento do quebra-mar do Porto de Leixões?

O Porto de Leixões, como todos os portos, tem vindo a sofrer com o crescimento das unidades de transporte. Se não criarmos condições para que os navios possam entrar, eles vão utilizar outros portos. A cadeia logística vive com o “compressing time” porque o consumidor, no momento em que decide uma opção de compra, não quer esperar. A pontualidade é uma das exigências fundamentais dos armadores. O navio não pode ficar fora do porto à espera que o vento e a onda abrandem.

A impossibilidade de atrair traz ainda custos adicionais aos armadores...

E leva-os a procurar outro destino. Um navio que vem a Leixões paga entre sete a dez mil dólares (entre 6272 e 8960 euros) por dia. Se aumentarmos a fatura, retiramos competitividade às exportações. A necessidade, sentida há dez anos, é a de

criar segurança às operações dos navios que já estão a visitar o porto. Por não ter sido construída há dez anos, perdemos três linhas de navegação e não ganhamos duas. Foram abrigar-se a Vigo. O Porto de Leixões está em perda de competitividade. Se [o quebra-mar] não for construído, Leixões corre o risco de ficar fora do mapa portuário mundial.

Com mais 300 metros de paredão, Leixões recupera a sua competitividade?

Os 300 metros de quebra-mar são fundamentais para ganhar estabilidade. Na semana passada ficaram dois navios à espera devido ao vento. E o vento não existe apenas no inverno. Se não ultrapassarmos este bloqueio, podem colocar-se problemas de deslocalização de uma ou

“Os 300 metros de quebra-mar são fundamentais para ganhar estabilidade”

“A obra não tem uma expressão meramente local, mas uma dimensão nacional”

outra empresa. Por exemplo, para as empresas que estão no eixo Braga-Guimarães, onde temos muito têxtil e calçado, a distância entre irem para Vigo ou para Leixões é relativamente curta. Esta obra não tem uma expressão meramente local, mas uma dimensão nacional.

Se esta necessidade está identificada há dez anos, porque é que o projeto não avançou mais cedo?

A única resposta que tenho para essa pergunta são lágrimas. Em Portugal, uma das maiores dificuldades é a capacidade de decidir. Muitas vezes nem é um problema de dinheiro. É o ato de ultrapassar os processos de decisão que tropeçam frequentemente uns nos outros. Creio que aqui também aconteceu um pouco isso.

A Comunidade Portuária integra a comissão de acompanhamento da construção. Que balanço faz dos encontros?

Já ouvimos moradores, concessionários das praias, escolas de surf, restaurantes, associados da comunidade [portuária] e o movimento “Diz não ao paredão”. Com a exceção deste movimento, todos compreenderam que, para o desenvolvimento do Porto de Leixões, a obra é necessária. As escolas de surf não saíram da reunião em hostilidade ao projeto como o movimento. Saíram da reunião informadas de que a quebra de ondas que possa haver será mais junto do paredão, sem haver uma grande afetação perto do Castelo do Queijo. [As escolas] propuseram um equipamento para pro-



PERFIL

Presidente da Comunidade Portuária

- Jaime Vieira dos Santos
- Idade: 73 anos
- Naturalidade: Porto

Formado em Economia pela Faculdade de Economia da Universidade do Porto, Jaime Vieira dos Santos faz parte da vida do Porto de Leixões há 33 anos. Tem 73 anos e lidera a Comunidade Portuária de Leixões há nove, tendo integrado o Executivo nas duas direções anteriores, presididas na altura por Rui Moreira, atual presidente da Câmara do Porto.

Jaime Vieira dos Santos afirma que o prolongamento do quebra-mar é fundamental

ARTIGO DE OPINIÃO

das para os residentes, nem para as escolas de surf, porque é aí que borbulha aqueles que amanhã vão decidir comprar através de Leixões. Mas não podemos deixar crescer ondas que, pela sua inconsciência, estão a criar problemas ao Porto de Leixões.

É isso que está a acontecer com o movimento “Diz não ao paredão”?

Do contacto que tivemos, com alguma surpresa, o movimento apareceu representado por um pai e um filho, deixando a imagem de uma reivindicação muito próxima da família. Todas as entidades que têm a percepção de ser prejudicadas pelo quebra-mar ouviram as explicações da APDL e têm vontade de mitigar as dificuldades que possam surgir.

As câmaras do Porto e Matosinhos também contestaram a obra. A comissão reuniu com as autarquias?

Vamos ter reuniões nas assembleias municipais do Porto e de Matosinhos. Na reunião em que as câmaras estiveram presentes afirmaram inequivocamente que Leixões tem que se desenvolver e que esse desenvolvimento teria de acautelar a envolvente. É razoável. Ambas as câmaras pediram que se aprofundassem os estudos, considerando mais alguns parâmetros. A APDL acolheu e está a ser feito.

Que outros projetos estão pensados para Leixões?

Temos um banco de quatro pés. Além do quebra-mar, temos a configuração de um cais, temos a ferrovia que tem um projeto para ir para a plataforma logística deixando mais espaço para estacionar cargas, mantendo uma ligação ferroviária e o desenvolvimento da plataforma logística, nomeadamente no novo conceito de portos secos. ●

vocar ondas. Ficamos de prosseguir contactos para encontrar soluções.

Quais são as principais preocupações apontadas?

A falta de areia na praia, a quebra da onda e o risco de poluição e perigos para a saúde pública, o que é absolutamente mentira. Estão com uma mentira a retirar da praia de Matosinhos as populações e, ao fim e ao cabo, são os que pagam para o surf, para os restaurantes, para as concessões da praia e na compra dos andares. A imagem de Leixões como um porto sustentável e a boa relação com as pessoas envolvidas são questões cruciais para o negócio porque jamais vendemos o porto se estiver associado a más práticas ambientais. Não estamos de costas vira-



Rui Moreira apresentou estratégia “Porto, cidade sem sida”

Trabalho em rede para erradicar a infeção da sida

Porto é uma das cidades do país mais afetadas pelo VIH. Intervenção vai envolver mais de 20 instituições

Marta Neves
martaneves@jn.pt

SAÚDE “O Porto é uma das cidades do país mais afetadas pelo VIH e os valores dos diagnósticos (por ano por 100 mil habitantes) são quase o dobro da média nacional. A par do Porto, Lisboa, Setúbal e outras cidades do Algarve constituem o grande núcleo responsável pela infeção em Portugal”.

É perante esta realidade, apresentada ontem por Henrique de Barros, presidente do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto e coordenador no plano de ação da estratégia “Porto, cidade sem sida”, que o Município e várias instituições públicas e privadas vão trabalhar em conjunto no sentido de erradicar a infeção.

A meta a atingir até 2020 é que “90% das pessoas que vivem com a infeção saibam que estão infetadas; 90% das pessoas que sabem que estão infetadas estejam em tratamento e 90% das pessoas que estão em tratamento tenham a infeção controlada”, referiu o presi-

dente da Câmara do Porto, Rui Moreira, sublinhando que “o número de novos casos de infeção por VIH nas áreas metropolitanas do Porto e de Lisboa representa cerca de dois terços do número total nacional”.

Tal como explicou Henrique de Barros, a estratégia “Porto, cidade sem sida” assenta em responder à seguinte ideia: “Infeções tratadas são infeções que não

se transmitem; e infeções tratadas precocemente são infeções que são travadas”.

TESTES POR ROTINA

O trabalho das várias equipas passará por “promover de uma forma continuada e insistente o teste do VIH, deixando de o estigmatizar, e insistir na ideia que a infeção não está apenas em grupos específicos de pessoas”, explicou o coordenador.

“Claramente é preciso introduzir os testes na rotina dos exames que as pessoas fazem habitualmente, aumentar a distribuição de preservativos e lubrificantes e garantir às pessoas a prevenção: quer a profilaxia pré-exposição e, sobretudo, pós-exposição”, assumiu Henrique de Barros, garantindo que para já este plano “vai funcionar nos hospitais, mas é possível que a resposta preventiva também chegue aos centros de saúde”.

Mais de duas dezenas de instituições, como a Abraço ou a Médicos do Mundo, as sinaram ontem o protocolo de parceria com a Câmara do Porto. ●

DADOS DO PORTO

Mais pessoas

No Porto, há maior concentração de pessoas e, portanto, há maior probabilidade de infeção. Outra explicação tem a ver com o facto de as respostas preventivas não funcionarem.

Mais jovens

A infeção está a aumentar de uma forma muito marcada entre homens que fazem sexo com outros homens, em idades jovens.

Desbloqueio das contas na Junta de Canelas

Câmara subsidia para pagar salários aos funcionários

GAIA As contas da Junta de Freguesia de Canelas, em Gaia, alvo de penhora por uma dívida de 75 mil euros, resultante de uma ação em tribunal, vão ser desbloqueadas mercê da comparticipação da Câmara.

O anúncio foi feito pelo autarca Eduardo Vítor Rodrigues, a fim de evitar que a Junta fique paralisada e ao mesmo tempo possa honrar os compromissos. “De entrada, serão pagos 27 mil euros. Depois, serão entregues 1000 euros por mês até perfazer o valor total”, explicou. De lembrar que, devido à penhora, os funcionários da Junta de Canelas ficaram sem receber os salários. De anotar, igualmente, que o caso em questão, denominado “António Teixeira”, tem a ver com dívidas do Canelas Gaia Futebol Clube, extinto em 2009, antes da criação do Canelas 2010.

PLANO CONTRA AS GAIVOTAS

No próximo mês, o Conselho Metropolitano do Porto vai aprovar um plano para contrariar a invasão de gaiivotas. Gaia é um dos municípios abrangidos. Eduardo Vítor Rodrigues adiantou que serão estabelecidas “parcerias com a Lipor e a Suldouro para tomar medidas relativamente aos aterros sanitários a céu aberto”, locais que funcionam como polos de atração para as aves. A estratégia também passará pela “destruição de ovos nos ninhos, sem que isso tenha a ver com qualquer tipo de envenenamento, pois seguir este caminho colocaria em perigo a saúde das pessoas, bem como de outros animais”.

Entretanto, estão em marcha os preparativos para o espetáculo pirotécnico da noite de S. João, custeado a a meias por Gaia e Porto, sendo 60 mil euros o valor de referência, em linha com anos transatos. ● M.A.